

# O OLHAR DE MINAS: DIÁLOGO ENTRE CONCEIÇÃO EVARISTO E ADÃO VENTURA

PATRÍCIA RIBEIRO\*

\* Universidade Federal de Juiz de Fora  
– UFJF.

**E**

## *Resumo*

Este trabalho propõe uma análise comparativa entre as obras **Poemas da recordação e outros movimentos** (2008), de Conceição Evaristo e **Jequitinhonha: poemas do Vale** (1980), de Adão Ventura, com o objetivo de examinar nestas poéticas temas como a relação com o sagrado, a manutenção dos laços familiares, a preservação da memória e das tradições. Esses temas contribuem para a elaboração da imagem de Minas Gerais nestas poéticas uma vez que ambos os poetas são mineiros e se referem a esse universo, mas também são temas que concernem a uma esfera universal pois se associam ao homem em geral, independente de limites geográficos.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Poesia; Conceição Evaristo; Adão Ventura.

Este trabalho pretende estabelecer o diálogo entre as obras **Poemas da recordação e outros movimentos** (2008), de Conceição Evaristo, e **Jequitinhonha: poemas do Vale** (1980), de Adão Ventura a fim de analisar como a imagem de Minas Gerais aparece nas obras desses poetas principalmente através da primazia de temas como a relação com o sagrado, a manutenção dos laços familiares, a preservação da memória e das tradições que remetem tanto a um universo particular, como o Estado de Minas Gerais, quanto a uma esfera universal.

Conceição Evaristo nasceu em 1946, em Belo Horizonte, cidade em que morou até 1970 quando se mudou para o Rio de Janeiro, onde

“O Quilombhoje Literatura é um grupo paulistano de escritores que foi fundado em 1980, por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, com objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. O grupo tem como proposta incentivar o hábito da leitura e promover a difusão de conhecimentos e informações, bem como desenvolver e incentivar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra”. Informações disponíveis em: <http://www.quilombhoje.com.br/quilombhoje/historico-quilombhoje.htm>

“A fundação cultural Palmares é uma entidade pública vinculada ao Ministério da Cultura. [...] Sua missão corporifica os preceitos constitucionais de reforços à cidadania, à identidade, à ação e à memória dos segmentos étnicos dos grupos formadores da sociedade brasileira, somando-se, ainda, o direito de acesso à cultura e à indispensável ação do Estado na preservação das manifestações afro-brasileiras.” (apud PEREIRA, 2010, p.457)

reside atualmente. É Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/RJ – e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Evaristo começou a publicar seus trabalhos na série **Cadernos Negros**, organizada pelo grupo Quilombhoje<sup>1</sup> e, desde então, vem tecendo seu percurso literário transitando por diversos gêneros como poesia, romance, contos e ensaios. Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio* foi publicado em 2003, no Brasil, e traduzido para o inglês em 2007. Em seguida, em 2006, publicou o romance **Becos da memória** e, em 2008, lançou **Poemas da recordação e outros movimentos**, que será analisada neste trabalho.

Adão Ventura também nasceu em 1946, em Santo Antônio do Itambé, distrito da cidade mineira do Serro e faleceu em Belo Horizonte, em 2004. Ele se formou em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – e foi presidente da Fundação Palmares<sup>2</sup>, nos anos 70. O autor participou de algumas antologias, teve sua poesia traduzida para idiomas como alemão, inglês, espanhol e húngaro. Dentre suas obras poéticas está **Jequitinhonha: poemas do Vale** (1980), que também será analisada neste trabalho.

A aproximação das produções poéticas de Conceição Evaristo e Adão Ventura, empreendida neste trabalho, sustenta-se no fato de os poemas desses autores, valendo-se, por vezes, do recurso memorialístico, abordarem questões peculiares de Minas Gerais, as quais também integram uma perspectiva universal, como se verá nos poemas. O processo memorialístico que transita entre o particular e o universal é assinalado por Maria Arminda do Nascimento Arruda como uma característica dos escritores memorialistas mineiros:

poderíamos afirmar que os memorialistas mineiros se encontram impregnados de um forte sentimento da mineiridade, entendida, nesse passo, **na sua dimensão exclusivamente identificadora** [grifo do autor]. Isto é, tais obras [dos escritores memorialistas mineiros] localizam-se no centro do imaginário de Minas e contribuem, significativamente, para recriá-lo e revivê-lo. (...) Os memorialistas de Minas possuem o sentimento marcante da sua origem regional e definem-se como mineiros, para além da percepção de sua camada social, ou de pertencimento a uma cidade, uma vila, uma propriedade rural. (ARRUDA, 1989, p. 199)

Assim, pode-se considerar que a dimensão particular da memória de Minas está atrelada à riqueza histórica e aos aspectos geográficos deste Estado, mas alcança um plano mais abrangente, coletivo, quando as identificações restritivas a um local ampliam-se para a esfera regional e universal, não se limitando, dessa forma, ao pessoal. Nesse trânsito, “as memórias (...) ganham contornos universais na medida em que, através delas, conseguimos nos oferecer um motivo de ruptura com o nosso isolamento” (ARRUDA, 1989, p. 201). Além disso, ressalte-se que a relação eu-outro influencia esse caráter coletivo da memória pois, conforme Ecléa Bosi, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola (...), com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse

indivíduo. Se lembramos é porque os outros, [e] a situação presente nos fazem lembrar ” (BOSI, 1994, p. 54-55) logo, o processo memorialístico decorre das relações com as pessoas e o espaço ao redor do indivíduo, uma vez que esses agem como elementos que podem instigar determinadas lembranças. Além da relação com o espaço e com as pessoas ao redor do indivíduo serem fatores determinantes para a elaboração da memória, observa-se que a experiência da migração também interfere no processo memorialístico.

A migração ocorreu na vida de Evaristo e de Ventura, pois ambos os poetas não vivem (ou viveram) em suas cidades natais o que poderia influenciar a imagem de Minas expressa em suas obras. No caso dos dois poetas, trata-se de uma migração interna: para Adão Ventura, houve o deslocamento de uma área rural para uma grande cidade como Belo Horizonte onde ele viveu grande parte de sua vida. Já Conceição Evaristo deslocou-se de um Estado a outro, ou seja, ela se mudou de Belo Horizonte, em Minas Gerais, para a cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado de mesmo nome. Assim, ao se retomarem as memórias pessoais de Evaristo e Ventura e a relação entre elas e as imagens de Minas presentes em suas obras, assumem-se também questões universais na análise que promove o diálogo entre esses dois poetas.

Em **Jequitinhonha: poemas do Vale**, de Adão Ventura, há o relato memorialístico das experiências de vida do poeta e, ao mesmo tempo, uma viagem cultural pelo vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Nessa obra, de acordo com Pereira (2010) abordam-se temas como “a religiosidade, a memória, a música, a dança, o trabalho, a família, o conflito entre o meio rural e a vida nos grandes centros urbanos — temas que possuem, simultaneamente, um significado regional e universal” (PEREIRA, 2010, p. 451) como será observado nos poemas.

A religiosidade, como apontou Pereira (2010), é um tema presente nesta obra de Adão Ventura e constitui um aspecto característico das cidades do interior de Minas e do meio rural, pois esses espaços são marcados pela sociabilidade pautada nas relações interpessoais e também na realização de festas religiosas. Desde a época colonial e ao longo do Império, o mundo rural deparou-se com a relativa ausência dos representantes da Igreja fato que possibilitou o desenvolvimento, nesse meio, de liturgias do catolicismo que se valiam de práticas leigas voltadas às rezas, novenas, promessas, procissões, e mesmo à construção de capelas e de altares domésticos. Essas práticas, que garantiram um processo de auto-suficiência, no mundo rural, expressavam uma religiosidade intensa no que concerne à profundidade de crença e ao significado desta para a organização social das pessoas em grupo ou comunidade. (WISSENBAACH, 1998, p. 78).

Uma das expressões da religiosidade no meio rural e nas cidades do interior diz respeito ao culto aos santos muitas vezes encontrados nos altares domésticos, o que confere uma maior proximidade entre o sagrado e o humano. Essa expressão de religiosidade está presente no poema “Procissão”, de Adão Ventura, no qual através do jogo de palavras com sonoridade próxima — velas e vela-se, curvas e curva-se — os santos são venerados:

Gente  
de velas  
na mão

vela-se  
ao santo.

entre as  
curvas  
das ruas

curva-se  
ao santo.  
no dobrar  
das esquinas

dobram-se  
ao santo  
os joelhos genuflexos  
e puros para o milagre.

(VENTURA, 1980, p. 27)

A imagem de fieis com velas nas mãos e a reverência do ajoelhar-se diante dos santos denotam uma prática religiosa que é destacada nesse poema e que se configura pela proximidade do sagrado, a imagem do santo, e o homem, pois

na visão do habitante do mundo rural não se concebia um santo distante, impessoal e invisível, habitando outras dimensões que não a sua vida rotineira. A relação que o devoto mantinha com ele implicava uma série de reverências, no geral na forma de honrarias e obrigações (WISSENBACH, 1998, p. 78)

Nesse sentido, verifica-se que a devoção aos santos era uma das maneiras pelas quais a religiosidade se manifestava no cotidiano das pessoas no mundo rural bem como nas cidades do interior de Minas, as quais Adão Ventura pode estar aludindo. Vale frisar que as referências ao sagrado, no poema citado, inserem-se em uma obra poética que conduz o leitor a uma viagem cultural pela região do vale do rio Jequitinhonha, em Minas Gerais.

Por outro lado, em “Tantas são as estrelas”, de Conceição Evaristo, também se encontra o sagrado na relação com o humano, conforme nos indica o título do poema. Segundo Campos, “as estrelas representam as pessoas que iluminaram a vida da poeta e que continuam vivas na saudade” (CAMPOS, 2010, p. 277). Essa imagem atribui feição

memorialística ao poema o que é também indicado pela dedicatória em memória de Lia, tia da escritora. No trecho do poema, transcrito abaixo, a voz poética recusa-se a acreditar na impossibilidade de comunicação com os que já não estão mais presentes no mundo fisicamente e afirma sua crença na continuidade da vida:

Não, eu me nego a acreditar  
que uma voz só é audível  
se a boca mexer um som dizível  
que se propaga até a invasão  
de meus viciados ouvidos.

Não, eu me nego a acreditar  
que um corpo tombe vazio  
e se desfaça no espaço  
feito poeira ou fumaça  
adentrando no nada dos nada  
nadificando-se.

(EVARISTO, 2008, p.60-61)

Nesses versos, a voz poética expressa sua crença em que seja possível a comunicação entre aqueles que estão vivos e os que já faleceram, pois para ela uma voz é audível mesmo sem a “boca mexer um som dizível”. Por isso, o eco da voz dos entes mortos pode chegar até nós. O eu poético também nega o fim da existência mesmo após a morte porque não crê que um corpo “se desfaça no espaço/ feito poeira ou fumaça”. Pode-se dizer que o sagrado e o humano entrelaçam-se nesse poema a partir da crença na continuidade da vida e na comunicação entre vivos e mortos que remetem à noção de ancestralidade, aspecto da visão de mundo africana, que se define como:

a essência de uma visão que os teóricos das culturas africanas chamam de visão negra-africana do mundo. Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e sociais interajam, formando os elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa (PADILHA *apud* MARTINS, 2000, p. 79)

Essa visão do mundo das culturas de matriz africana reúne em um mesmo plano de produção de significados o tempo, a morte e a ancestralidade de modo que “nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, eventos naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais e existenciais. Nas espirais do tempo, tudo vai e volta” (MARTINS, 2000, p. 79). Essa percepção de um tempo em espiral em que “tudo vai e volta” remete-nos à forma de organização ou apreensão do tempo, no mundo rural, em que ocorre uma noção de tempo semelhante à de culturas africanas, uma vez que no espaço rural a vida é marcada por ciclos, como expõe Wissenbach:

O cotidiano [no mundo rural] (...) estava marcado por uma temporalidade própria, na qual se combinavam dois níveis de regularidade: o ciclo da natureza, com sucessão de estações do ano, e o ciclo das comemorações de seu catolicismo todo singular. (WISSENBACH, 1998, p. 81)

O ciclo da natureza, marcado pelas estações do ano, organiza a vida das pessoas no meio rural, pois determina o tempo do plantio e da colheita, o tempo do trabalho e do descanso. Além disso, os ciclos das comemorações religiosas também ditam a cadência do tempo na vida das pessoas. Os ritos do catolicismo promovem a organização dos homens, no mundo rural, em função das festas religiosas, dos cultos aos santos, da realização de novenas e momentos de rezas. Dessa forma, o ritmo da vida marcado pelos ciclos da natureza ou por uma percepção espiralar do tempo, tal como ocorre nas culturas de matriz africana é um aspecto que aproxima as poéticas de Ventura e Evaristo e que também se refere a um plano universal, porque essa organização e percepção temporal está desvinculada de um lugar específico e, assim, são elementos comuns à vida dos homens em geral.

Outra característica presente nas poéticas de Adão Ventura e Conceição Evaristo é a valorização do local de origem e das peculiaridades deste espaço que se apresenta como o meio rural ou mesmo do interior de Minas Gerais, em oposição às grandes cidades. A escolha ou recusa da migração do meio rural para a cidade é abordada no poema intitulado “IAM”, de Adão Ventura:

IAM

não sei não. mas aqui a gente

conversa assuntos

que na Capital necas /nadas

lá é aquela gente correndo

— corredeira sem-fim

pra qualquer decá aquela palha.

(VENTURA, 1980, p. 45)

Esses versos estabelecem a oposição entre o campo, marcado pelo advérbio “aqui” e a cidade, referida pelo advérbio “lá”. Nesse contraponto destaca-se a proximidade entre as pessoas devido às conversas desenvolvidas entre elas, no espaço rural, contexto que se opõe ao da capital (cidade) onde as pessoas vivem atribuladas e, por isso, raramente, param para conversar umas com as outras. Dessa forma, pode-se pensar que o poema trata do fato de o ritmo da vida no campo ser mais lento que a “corredeira sem-fim” da cidade. Vale lembrar que a possibilidade da migração do campo para a cidade, marcada com a oposição entre esses espaços e com jogo de palavras “aqui” e “lá”, é, segundo Maria Cristina Wissenbach, uma herança da estrutura escravocrata no Brasil, a qual gerou “homens andarilhos” (WISSENBACH, 1998, p. 57) que pertenciam a qualquer lugar e em qualquer espaço se acomodavam. De acordo Wissenbach (1998, p. 55), após a abolição, os ex-escravos

fixaram-se nas zonas rurais, nos espaços em que se desenvolvia uma economia voltada para a subsistência ou ao redor das áreas de monocultura. Ainda conforme a autora, a territorialidade dos ex-escravos

se manteve em bairros rurais originários de doações de parcelas de terras aos libertos, algumas delas anteriores à Abolição, em grupos de remanescentes de quilombos ou de simples ocupantes das terras e, principalmente nos agrupamentos negros existentes nas cidades brasileiras. (WISSENBACH, 1998, p. 55)

Sendo assim, ao abordar a possibilidade de deslocamento do meio rural para a cidade o eu poético remete-nos ao contexto histórico de formação dos centros urbanos e de ocupação das áreas rurais ao redor destes com posterior possibilidade de migração do campo para a cidade urbanizada, processo que predominou na sociedade brasileira, principalmente, no final do século XIX com o deslocamento de migrantes nacionais e estrangeiros atraídos para as cidades. Vale ainda destacar que esse poema pode assumir uma conotação memorialística uma vez que o poeta Adão Ventura migrou da pequena cidade do Serro, em Minas Gerais, para Belo Horizonte, capital do Estado.

Tendo em vista a oposição entre campo e cidade apresentada por Adão Ventura, é possível perceber uma aproximação com esse tema em “Mineiridade”, de Conceição Evaristo:

Quando chego de Minas  
trago sempre na boca um gosto de terra.  
Chego aqui com o coração fechado,  
um trem esquisito no peito.  
Meus olhos chegam divagando saudades,  
meus pensamentos cheios de uais  
e esta cidade aqui me machuca  
me deixa maciça, cimento  
e sem jeito.  
Chegando de Minas  
trago sempre nos bolsos  
queijos, quiabos babentos  
da calma mineira.  
É duro, é triste  
ficar aqui  
com tanta mineiridade no peito.  
(EVARISTO, 2008, p. 68)

Esse poema não marca a oposição entre o meio rural e a cidade tal como no poema de Adão Ventura, analisado anteriormente, mas assinala o contraponto entre Minas e um outro lugar, em que o eu poético se encontra e que é identificado pelo advérbio “aqui”. Nota-se

também que o afastamento de Minas gera uma nostalgia que penetra o discurso da voz poética e que se explicita com a presença de termos do vocabulário de Minas Gerais como “trem” e “uai”, além da menção a comidas típicas desse Estado como os “queijos” e “quiabos babentos”.

Além disso, é possível depreender desses versos a oposição entre Minas Gerais, que mescla a urbanização com suas montanhas – paisagem característica, exposta no poema com a alusão ao “gosto de terra” que o eu poético leva consigo quando deixa Minas – e o lugar em que o eu poético se encontra, uma cidade plenamente urbanizada, repleta de cimento, que gera na voz poética a sensação de deslocamento, pois “é duro, é triste/ ficar aqui/ com tanta mineiridade no peito”. Nesse sentido, para o eu poético, o lugar em que ele se situa não lhe confere o sentimento de pertencimento e a sensação que um espaço pode oferecer a uma pessoa quando se assemelha à noção de *home*. Essa sensação, segundo Terkenli, é ampla, profundamente simbólica, e definida pela interação do indivíduo com o meio social, uma vez que, de acordo com o autor: “As pessoas constroem suas geografias de *home* na interface entre si mesmo e o seu mundo. É nessa interface que a ideia de *home* toma forma<sup>3</sup>” (TERKENLI, 1995, p. 325). Assim, Minas Gerais configura para a voz poética o que Terkenli define como *home* porque nesse Estado ela possui o sentimento de pertença e de identificação a um lugar, à sua cultura e às pessoas que nele habitam.

No original: “People construct their geographies of home at the interface between their self and their world. It is at this interface that the idea of home takes shape [...]” (TERKENLI, 1995, p.325).

## CONCLUSÃO

Este trabalho propôs-se a estabelecer o diálogo entre as poéticas de Conceição Evaristo e Adão Ventura a fim de buscar uma aproximação entre as obras desses autores no que se refere à semelhança dos temas e dos recursos utilizados na elaboração de seus textos, considerando também as diferentes perspectivas dos autores. Buscou-se analisar como esses dois poetas mineiros elaboram a imagem de Minas Gerais em sua produção literária e verificou-se que esta imagem constrói-se por meio do recurso memorialístico e com a abordagem de temas relacionados ao sagrado, com a manutenção dos laços familiares e a preservação da memória e das tradições.

Além disso, a análise comparativa privilegiou o diálogo entre os poetas no que se refere à relação entre elementos do sagrado e do humano e, também, na observação do contraponto entre o espaço rural e o urbano, presentes nos poemas de Evaristo e Ventura. Os temas dizem respeito tanto a um universo particular, como Minas Gerais, quanto a uma esfera universal, pois se associam ao homem, em geral, independente dos limites geográficos.

## ABSTRACT

This work proposes a comparative analysis between *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008) by Conceição Evaristo and *Jequitinhonha: poemas do Vale* (1980) by Adão Ventura with the

objective of examining themes as the relationship with the holy, the maintenance of the family ties, of the memory and of the traditions. Those themes contribute to the elaboration of the image of Minas Gerais in these poetic works because both poets are from Minas Gerais and they refer to that universe. Furthermore those themes concern to a universal sphere so they are associated to the man in general independent of geographical limits.

Key-words: Brazilian Literature; Poetry; Conceição Evaristo; Adão Ventura.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento Arruda. **Mitologia da mineiridade**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS, Cecy Barbosa. A poética de Conceição Evaristo. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. ???-???

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PEREIRA, Édimo de Almeida. Texturas da linguagem: surrealismo e cultura popular na poética de Adão Ventura. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

TERKENLI, Theano S. Home as a region. In: **Geographical Review**, v. 85, n. 3, p. 324-334, jul. 1995.

VENTURA, Adão. **Jequitinhonha: poemas do Vale**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1980.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensão de uma privacidade possível. In: SEVECENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.